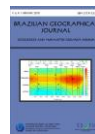




Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium



ARTICLES/ARTIGOS/ARTÍCULOS/ARTICLES

Considerações sobre aspectos da vegetação na Fazenda Pé do Morro, da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão

Doutor Edivane Cardoso

Laboratório Integrado de Zoologia, Ecologia e Botânica (LIZEB). Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão. Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1120 – Setor Universitário. CEP: 75.704-020. **E-mail:** edivanecs@gmail.com

Doutora Maria Inês Cruzeiro Moreno

Laboratório Integrado de Zoologia, Ecologia e Botânica (LIZEB). Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão. Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1120 – Setor Universitário. CEP: 75.704-020. **E-mail:** inmoreno75@hotmail.com

RESUMO

ARTICLE HISTORY

Received: 16 February 2013

Accepted: 26 July 2013

PALAVRAS-CHAVE:

SIG

Biodiversidade

Cerrado

O trabalho objetivou mapear classes de cobertura vegetal e uso do solo na Fazenda Pé do Morro, de propriedade da UFG/*Campus* Catalão, bem como realizar levantamento florístico preliminar para caracterização da vegetação. A cobertura vegetal nativa de cerrado, na fazenda Pé do Morro, é composta por campo sujo, cerrados ralo, típico e denso, cerradão, matas seca semidecídua e de galeria compreendendo cerca de 76% da área total. O restante da área (24%) apresenta sinais de antropização representada por pastagem, agricultura e mineração. O levantamento florístico preliminar aponta para riqueza de pelo menos 114 espécies lenhosas. Conclui-se que a maior parte da área da fazenda Pé do Morro apresenta cobertura vegetal nativa representativa do Cerrado. O estado de conservação da cobertura vegetal da área estudada oferece disponibilidade de riqueza de espécies e de ambientes representativos da flora do Cerrado que favorecem a execução de estudos ambientais sobre ecossistemas e sua biota associada.

KEY-WORDS:
GIS
Biodiversity
Cerrado

Abstract: CONSIDERATIONS ABOUT ASPECTS OF VEGETATION IN THE PÉ DO MORRO FARM, UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, CAMPUS CATALÃO, GO, BRAZIL. The study aimed to map classes of land cover and land use in the Pé do Morro Farm, owned by UFG / *Campus* Catalão as well as conduct preliminary floristic characterization of vegetation. The native Cerrado vegetation of Pé do Morro Farm, consists of campo sujo, “cerrado ralo”, typical cerrado, dense cerrado, ralo, típico and denso, cerradão, dry semideciduous and gallery forests comprising about 76% of the total area. The remaining area (24%) has signs of human disturbance represented by grazing, crop and mining. The floristic richness pointed to at least 114 woody species. We conclude that most of the Pé do Morro farm area presents representative native vegetation of the Cerrado. The conservation status of the study area vegetation provides availability of species richness and representative environments of the Cerrado flora favoring the environmental studies on ecosystems and their associated biota.

RESUMEN:
SIG
Biodiversidad
Cerrado

RESUMEN. CONSIDERACIONES ACERCA DE LOS ASPECTOS DE LA VEGETACIÓN EM LA HACIENDA PÉ DO MORRO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, CAMPUS CATALÃO. El estudio tuvo por objetivo mapear las clases de cobertura vegetal y el uso del suelo en la hacienda Pé do Morro de propiedad de la UFG/Campus Catalão, y también realizar el levantamiento florístico preliminar para caracterización de la vegetación. La cobertura vegetal nativa del cerrado, en la hacienda Pie del Morro, está compuesta por campo sucio, cerrado escaso, típico y denso, cerradon, bosques secos semi desiduos y de galería que comprende alrededor de 76% de la área total. Lo restante (24%) presenta señales de intervención humana representada por pastos, agricultura y mineración. El levantamiento florístico apunta para riquezas por lo menos 114 especies Leñosas. Fue concluido de que la mayor parte de la área de la hacienda Pé do Morro presenta vegetación nativa que representa lo Cerrado. El estado de conservación de la vegetación en la area estudiada dispone de riquezas de especies y de ambientes que representa la flora del Cerrado que favorece la ejecución de estudios ambientales sobre ecosistemas e su biota asociada.

Introdução

O uso de Sistema de Informação Geográfica (SIG) é amplamente aplicado para estudos de distribuição da vegetação, pois é uma ferramenta de relativo fácil

manuseio e permite boa precisão, a qual é almejada quando o objetivo é determinar o uso e ocupação do solo de determinada área. A crescente necessidade de informações confiáveis acerca da vegetação remanescente de biomas brasileiros torna os SIGs imprescindíveis ao sensoriamento remoto como perspectiva de fontes significativas de informações (COURA, 2007).

Em relação à classificação de tipos vegetacionais da flora brasileira, tem-se Veloso; Rangel-Filho; Lima (1991) como sistema mais usual, adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o qual é utilizado para classificar a vegetação de todo o país. Para o Cerrado, a classificação de Ribeiro; Walter (2008) tem sido a mais usual, pois utiliza características da composição e estrutura da vegetação, além de fatores ambientais, para que os tipos sejam atribuídos a fitofisionomias características.

O Cerrado é o segundo maior domínio vegetacional brasileiro e ocorre principalmente no Brasil central, além de áreas em outros domínios, tais como em Roraima, Amapá, Amazonas, Rondônia, Pará, Bahia, São Paulo e Paraná. Sua distribuição faz fronteira com a Amazônia, Caatinga, Pantanal e Mata Atlântica. Sendo que Machado et al (2004) estimaram que 54,9% da área original do cerrado já havia sido desmatada até 2002. A heterogeneidade de ambientes determina sua grande diversidade de espécies encontradas. Ainda, o Cerrado abriga as primeiras nascentes dos principais rios que formam as bacias Amazônica, do Prata e do São Francisco (MEDEIROS, 2011).

Estudos relativos à distribuição da vegetação do Cerrado, em escala nacional, tais como Durigan; Ratter; Bridgewater et al. (2003) e Ratter; Bridgewater; Ribeiro (2003), ilustram bem a ausência de estudos florísticos nas regiões sudeste e sul de Goiás localizadas em uma faixa de transição de regiões florísticas distintas.

Os objetivos deste trabalho foram identificar e quantificar classes de cobertura vegetal e uso do solo atuais, bem como realizar levantamento florístico preliminar para caracterizar a vegetação ocorrente em cada uma das classes encontradas na fazenda Pé do Morro de forma a apoiar estudos sobre a biota local e regional.

Material e métodos

A área estudada, denominada “fazenda Pé do Morro”, tem aproximadamente 90 hectares e é de propriedade da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. Localiza-se a sete quilômetros a noroeste da área urbana do município, entre as coordenadas 18° 06' 29" - 18° 07' 34" de latitude Sul e 47°59'33" - 48°00'15" de longitude oeste, com altitude aproximada variando entre 718 e 830 metros. A região é caracterizada pela predominância de vegetação de cerrado e clima Aw com duas estações definidas por verão úmido e inverno seco. Em campo nota-se que rochas metamórficas são os principais componentes litológicos da região, sendo que na área da fazenda são representadas por micaxistos. Em alguns locais caracterizados por cabeceiras de drenagens temporárias notam-se afloramentos de rochas detrito-lateríticas, conhecidas regionalmente como Tapiocanga.

A partir de incursões a campo, em outubro e novembro de 2010, e de interpretações baseadas em sensoriamento remoto sobre imagens de satélite de 2005 do sensor Ikonos, foi realizada delimitação da propriedade, caracterização e determinação da distribuição da cobertura vegetal e uso do solo da área. Em campo foram localizadas áreas de controle com tipos vegetacionais conhecidos, a partir das quais foram realizadas interpretações de respostas espectrais das imagens.

A caracterização, detalhamento da flora e levantamento florístico de cada tipologia vegetacional foi realizada ao longo de caminhadas em campo. Para a classificação da cobertura vegetal nativa foi utilizado o sistema de fitofisionomias de cerrado de Ribeiro; Walter (2008), além de tipologias antropizadas tais como agricultura, solo exposto e pastagem.

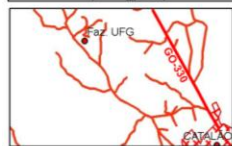
Amostras férteis do material vegetal que foram coletadas e herborizadas para identificação, conforme recomendado por Fidalgo; Bononi (1989), foram depositadas no Laboratório Integrado de Zoologia, Ecologia e Botânica (LIZEB) no *Campus Catalão* da Universidade Federal de Goiás.

Resultados e discussão

A cobertura vegetal nativa de cerrado na fazenda Pé do Morro compreende cerca de 76% da área total, sendo representada por fitofisionomias do tipo campo sujo, cerrados ralo, típico e denso, cerradão, além de matas seca e de galeria. O restante da área (c.a. de 24%) se apresenta com sinais de antropização, sendo constituída por pastagem, área de agricultura e cerrado antropizado (Figuras 1 e 2).

Legenda

- Limites da Fazenda
- Cobertura vegetal e uso do solo**
- Campo sujo
- Cerrado antropizado
- Cerrado ralo
- Cerrado típico
- Cerrado denso
- Cerradão
- Mata de galeria
- Mata seca semidecídua
- Solo Exposto
- Agricultura
- Pastagem



Desenho: Edivane Cardoso
Data: 13/12/2010
Fonte: Imagem Ikonos, 2007

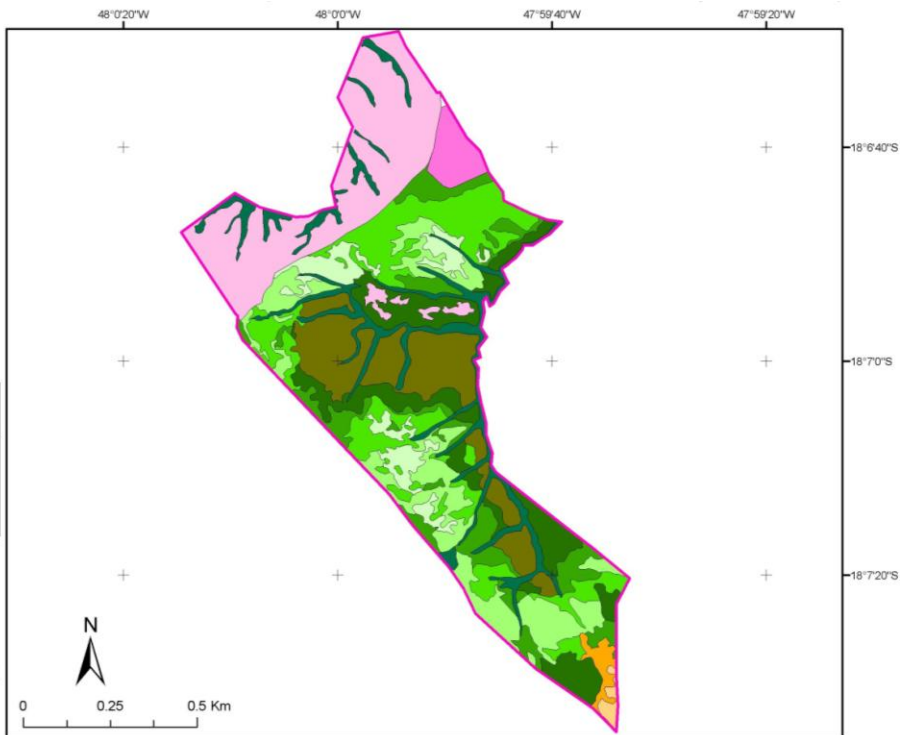


Figura 1. Cobertura vegetal e uso do solo na Fazenda Pé do Morro da Universidade Federal de Goiás, *Campus Catalão*.

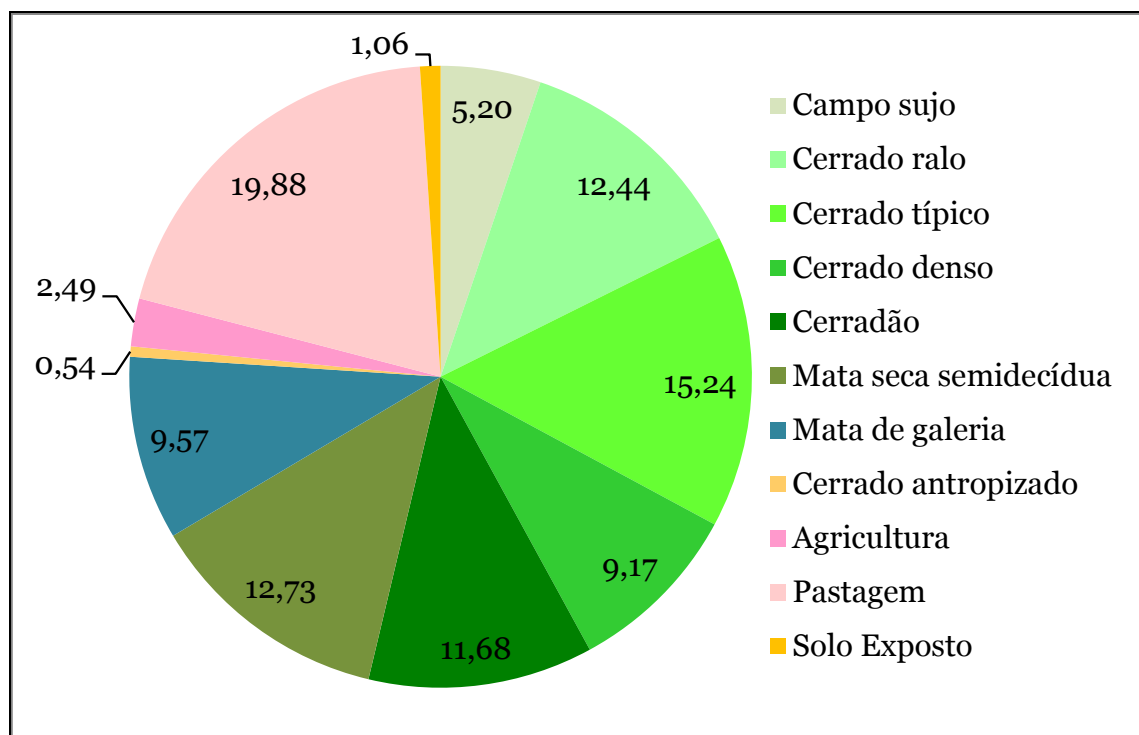


Figura 2. Percentual representado pelas classes de cobertura vegetal e uso do solo caracterizadas na Fazenda Pé do Morro, da Universidade Federal de Goiás, *Campus Catalão*.

A vegetação campestre de cerrado é representada na propriedade por áreas de “campo sujo”, as quais perfazem 5,2% da área total e se localizam principalmente em relevo levemente inclinado e em solos litólicos, às vezes laterizados nas porções médias a superiores do relevo da propriedade. A altura das árvores raramente ultrapassa cinco metros e o dossel é descontínuo. Nesta fitofisionomia predomina o estrato graminoso entremeado por elementos arbustivos e arbóreos de espécies de cerrado, tais como *Piptocarpha rotundifolia* (Less.) Baker, *Erythroxylum tortuosum* Mart., *Qualea grandiflora* Mart., *Connarus suberosus* Planch., *Roupala montana* Aubl., *Curatella americana* L., *Davilla elliptica* A.St.-Hil., *Stryphnodendron polyphyllum* Mart., *Diospyros hispida* A. DC., *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville, dentre outras (Tabela 1). Além do levantamento de campo, a listagem das espécies com ocorrência registrada para esta fisionomia vegetal foi complementada com os dados de levantamento fitossociológico de Ferreira; Cardoso (2013).

A vegetação savânica, representada pelos cerrados ralo, típico e denso, representa 36,84% da área, e suas tipologias formam um gradiente de adensamento da vegetação arbórea em direção às porções inferiores do relevo. A vegetação do tipo cerrado ralo se estende por 12,44% da área, sendo visualizado próximo à principal estrada de acesso e, com maior evidência, contornando as áreas de ocorrência de campo sujo. Esta tipologia vegetal ocorre em solo mais espesso que em campo sujo, porém mantém-se sobre alguns afloramentos

rochosos. O cerrado típico se estende por 15,24% da área ao longo de manchas que contornam as tipologias de estrato arbóreo menos denso. O cerrado denso, que ocupa 9,17% da área total, distribui-se em relevo de declividades moderadas a fortes nas proximidades das drenagens, portanto predominando nos limites das formações florestais, muitas vezes próximas a porções inferiores do relevo local. Os solos podem ser pontualmente litólicos, porém o pacote de material inconsolidado mostra-se mais profundo que em campo sujo. As tipologias savânicas diferenciam-se principalmente pela densidade dos indivíduos arbóreos entremeados ao estrato herbáceo graminoso, e conseqüentemente quanto à continuidade e altura do dossel, o qual alcança sete metros de altura. No entanto, a composição florística entre as tipologias é bastante similar, sendo representadas na área por espécies como *Aspidosperma tomentosum* Mart., *Lafoensia pacari* A. St.-Hil., *Byrsonima coccolobifolia* Kunth, *Qualea parviflora* Mart., *Neea theifera* Oesrt., *Byrsonima crassa* Nied., *Astronium fraxinifolium* Schott, *Stryphnodendron polyphyllum* Mart., *Vochysia rufa* Mart., *Curatella americana* L., além de várias outras (Tabela 1), nativas do cerrado.

As formações florestais estão presentes na área na forma de fragmentos de cerradão, mata seca semidecídua e mata de galeria. O cerradão na propriedade ocupa 11,68% da área e encontra-se na forma de pequenos fragmentos na parte Sul e circundando a mata seca no interior da fazenda, muitas vezes se mostrando como transição entre as formações savânicas e florestais, tendo em vista sua distribuição e composição florística, representada por espécies florestais e espécies de cerrado. O solo é profundo e o dossel chega a 10 metros acima da superfície do solo. Neste tipo fitofisionômico o estrato de regeneração e lianas são escassos. Alguns exemplos de espécies lenhosas do cerradão são *Curatella americana* L., *Stryphnodendron polyphyllum* Mart., *Sclerolobium paniculatum* Vogel, *Cybistax antisyphilitica* (Mart.) Mart., *Stenocalyx dysentericus* (DC.) O. Berg, *Cordia sessilis* (Vell.) Kuntze, *Maprounea guianensis* Aubl., *Hirtella glandulosa* Spreng., *Myracrodruon urundeuva* Allem., *Pera glabrata* (Schott) Poepp. ex Baill. e *Dilodendron bipinnatum* Radlk. (Tabela 1).

Tabela 1. Lista preliminar da flora da cobertura vegetal nativa da fazenda Pé do Morro, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. CS = Campestre (Campo Sujo); CR = Savânica (Cerrado ralo, típico e denso); CD = Cerradão; MS = Mata seca semidecídua; MG = Mata galeria.

Família	Espécie	CS	CR	CD	MS	MG
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allem.			X	X	
	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	X	X			
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.			X		X
Annonaceae	<i>Annona coriacea</i> Mart.	X				
	<i>Cardiopetalum calophyllum</i> Schlttdl.		X			
	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.		X	X		
Apocynaceae	<i>Aspidosperma cuspa</i> (Kunth) S.F. Blake ex Pittier				X	X
	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.		X			
	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	X	X			

	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	X			
Araliaceae	<i>Schefflera macrocarpa</i> (Cham. & Schltdl.) Frodin	X			
	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyerm. & Frondin				X
Asteraceae	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker	X	X		
Bignoniaceae	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	X		X	
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore		X		
	<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.	X	X		
	<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridl.) Sandwith				X
	<i>Zeyheria digitalis</i> (Vell.) Hoehne		X		
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand				X
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.		X	X	
Celastraceae	<i>Salacia crassifolia</i> (Mart.) G. Don.	X	X		
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella glandulosa</i> Spreng.			X	X
	<i>Hirtella gracilipes</i> (Hook. f.) Prance				X
Clusiaceae	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.		X		
	<i>Kielmeyera rubriflora</i> Cambess.	X	X		
Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	X	X	X	
Connaraceae	<i>Connarus suberosus</i> Planch.	X	X		
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	X	X	X	
	<i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil.	X	X		
Ebenaceae	<i>Diospyros burchellii</i> Hiern.			X	
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i> cf. <i>campestre</i> A. St.-Hil.	X	X		
	<i>Erythroxylum deciduum</i> A. St.-Hil.	X	X		
	<i>Erythroxylum suberosum</i> A. St.-Hil.	X	X		
	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.	X	X		
Euphorbiaceae	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.			X	
	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.			X	
Fabaceae	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev	X	X		
	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	X	X		
	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan				X X
	<i>Bauhinia</i> sp.			X	X
	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	X	X		
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.				X
	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	X	X	X	
	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	X		X	
	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F. Macbr.	X	X		
	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne		X		
	<i>Inga fagifolia</i> Willd. ex Benth.				X
	<i>Inga vera</i> Willd.				X
	<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi			X	

	<i>Machaerium opacum</i> Vogel	X	X		
	<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F. Macbr.				X
	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	X	X		
	<i>Platypodium elegans</i> Vogel				X
	<i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth.		X	X	
	<i>Sclerolobium aureum</i> (Tul.) Baill.	X	X		
	<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vogel			X	
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	X	X	X	
	<i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart.	X	X	X	
	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	X	X		
Icacinaceae	<i>Emmotum nitens</i> (Benth.) Miers			X	
Lauraceae	Lauraceae sp1				X X
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	X	X		
Malpighiaceae	<i>Byrsonima crassa</i> Nied.		X		
	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth	X	X		
	<i>Byrsonima fagifolia</i> Nied.	X	X		
	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	X	X		
	<i>Heteropterys byrsonimifolia</i> A. Juss.	X	X		
Malvaceae	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K. Schum.) A. Robyns	X			
	<i>Eriotheca pubescens</i> (Mart. & Zucc.) Schott & Endl.	X	X		
	<i>Luehea divaricata</i> Mart.			X	X
	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A. Robyns				X
	<i>Pseudobombax tomentosum</i> (Mart. & Zucc.) Robyns				X
Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.		X	X	
	<i>Miconia ferruginata</i> DC.	X		X	
Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul		X	X	
	<i>Ficus</i> sp.				X
Myristicaceae	<i>Myrsine umbellata</i> Mart.				X
Myrsinaceae	<i>Virola sebifera</i> Aubl.			X	
Myrtaceae	<i>Stenocalyx dysentericus</i> (DC.) O. Berg			X	
	<i>Myrcia bella</i> Cambess.	X			
	<i>Myrcia rostrata</i> DC.			X	
	<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.		X		
	<i>Myrcia variabilis</i> DC.	X	X		
Nyctaginaceae	<i>Guapira graciliflora</i> (Mart. ex J.A. Schmidt) Lundell	X	X		
	<i>Guapira noxia</i> (Netto) Lundell	X	X		
	<i>Neea theifera</i> Oesrt.	X	X		
Opiliaceae	<i>Agonandra brasiliensis</i> Benth. & Hook. f	X	X		
Polygonaceae	<i>Coccoloba mollis</i> Casar.			X	X

Proteaceae	<i>Roupala montana</i> Aubl.	X	X	X	
Rhamnaceae	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek				X
Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.		X	X	
	<i>Cordia sessilis</i> (Vell.) Kuntze			X	X X
	<i>Coussarea hydrangeifolia</i> (Benth.) Müll. Arg.			X	
	<i>Genipa americana</i> L.				X
	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	X	X		
	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.		X	X	
	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltld.) K. Schum.	X	X		
Rutaceae	<i>Hortia brasiliiana</i> Vand. ex DC.		X		
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.			X	
	<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl.			X	
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.				X
Sapindaceae	<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.			X	
	<i>Matayba guianensis</i> Aubl.		X	X	X
Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	X	X		
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.			X	
Styracaceae	<i>Styrax ferrugineus</i> Nees & Mart.		X		
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul			X	X
Vochysiaceae	<i>Callisthene major</i> Mart.				X
	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	X	X	X	
	<i>Qualea multiflora</i> Mart.		X		
	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	X	X	X	
	<i>Salvertia convallariodora</i> A. St.-Hil.	X	X		
	<i>Vochysia rufa</i> Mart.	X	X		

A mata seca semidecídua é constituída por fragmentos consideráveis na parte central da propriedade, correspondendo a 12,73% de sua área total. São encontradas em transição gradativa entre cerradões e matas de galeria. As árvores atingem 12 metros de altura e o dossel é contínuo. O solo que sustenta esta tipologia na área é profundo e com sinais de elevada fertilidade, indicado pela vegetação característica e serapilheira acumulada, que garante o fornecimento de nutrientes e manutenção da umidade do solo. Algumas espécies características desta fitofisionomia são *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan, *Schefflera morototoni* (Aubl.) Maguire, Steyerl. & Frondin, *Myracrodruon urundeuva* Fr. Allem., *Pseudobombax longiflorum* (Mart. & Zucc.) A. Robyns, *Pseudobombax tomentosum* (Mart. & Zucc.) A. Robyns, *Aspidosperma cuspa* (Kunth) Blake, *Cordia sessilis* (Vell.) K. Schum., *Callisthene major* Mart (Tabela 1).

As matas de galeria ocupam 9,57% da área total e se localizam ao longo dos canais de drenagem, os quais são predominantemente de regime temporário e em leito muitas vezes rochoso e íngreme. A vegetação chega a 15 metros de altura e se relaciona com a chegada e fluidez de nutrientes e água oriundos da porção superior aos níveis inferiores do relevo local. No interior da propriedade a

ocorrência mais significativa desse tipo vegetacional localiza-se ao longo da margem da drenagem principal que é afluente do córrego Baru. Algumas espécies ocorrentes naturalmente neste ambiente são *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March., *Rhamnidium elaeocarpum* Reiss., *Ficus* spp, *Inga vera* Willd., *Hirtella gracilipes* (Hook. F.) Prance, *Hirtella glandulosa* Spreng., *Piptadenia gonoachantha* (Mart.) Macbr., *Cordia sessilis* (Vell.) K. Schum., *Luehea divaricata* Mart. & Zucc. e *Platydictyon elegans* Vog (Tabela 1).

As coberturas vegetais antropizadas são representadas por áreas de pastagens de gramínea braquiária, ocupando 19,88% da área total, ocorrendo principalmente na porção norte. Ainda, uma área que ocupa 2,49% da porção norte foi, até recentemente, utilizada como área de agricultura, denotado por sinais de mecanização, implantação de curvas de nível e presença de vegetação invasora ao longo de linhas de plantio. Uma área de pretérita extração de cascalho teve a vegetação extraída e se estende na porção sul por aproximadamente 1,06% da área. O restante, representando 0,54% da totalidade da área da propriedade, é constituído por vegetação arbórea entremeada por pastagem, a qual apresenta sinais de recuperação natural da cobertura vegetal nativa de cerrado. Sinais de queimadas podem ser observados pela presença de troncos suberosos com cascas carbonizadas, principalmente nos tipos fitofisionômicos mais abertos onde o dossel descontínuo, o menor adensamento e a estrutura mais baixa da vegetação lenhosa permitem o estabelecimento de estrato gramíneo, material combustível que alimenta os incêndios que ocorrem na região durante períodos de seca.

Conclusões

A proposta deste trabalho foi alcançada uma vez que se conseguiu fazer o mapeamento da área e foi identificado que a fazenda Pé do Morro apresenta cobertura vegetal nativa, representada por campo sujo, cerrados ralo, típico e denso, além de formações florestais dos tipos cerradão, mata seca semidecídua e matas de galeria. O fácil acesso e o estado de conservação da cobertura vegetal da área estudada oferece grande riqueza de espécies e de ambientes representativos da flora de Cerrado que favorecem a execução de estudos ambientais sobre ecossistemas e sua biota associada. Aproximadamente 24% da área apresenta-se antropizada, sendo as áreas alteradas representadas principalmente por pastagem e, em menores porções, por agricultura e área minerada, atualmente inativas, uma vez que se tornou propriedade da UFG e estas atividades não são mantidas pela instituição. Conhecendo-se que são encontradas pelo menos 113 espécies lenhosas na área, outros estudos mais aprofundados sobre a flora, em seus vários hábitos e ambientes, podem ser desenvolvidos no local de forma a colaborar com o conhecimento da biodiversidade do cerrado da região.

Referências

COURA, S.M.C. **Mapeamento da vegetação do estado de Minas Gerais utilizando dados MODIS**. 2007. 150 p. Dissertação (Mestrado em Sensoriamento Remoto). Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São José dos Campos, 2007.

DURIGAN, G.; RATTER, J.A.; BRIDGEWATER, S.; SIQUEIRA, M.F.; FRANCO, J.A.D.C. Padrões fitogeográficos do cerrado paulista sob uma perspectiva regional. **Hoehnea**. v.30, n.1, p.39-51, abr. 2003.

FERREIRA, F.S.O.; CARDOSO, E. **Estrutura Fitossociologia de Campo Sujo no Município de Catalão - GO**. Caminhos de Geografia. v. 14, n. 45. p. 110–119. Abr/2013.

FIDALGO, O.; BONONI, V.L.R. **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**. São Paulo: Instituto de Botânica. (Série documentos). 1989. 62p.

Machado, R.B.; Ramos Neto, M.B.; Pereira, P.G.P; Caldas, E.F.; Gonçalves, D.A.; Santos, N.S.; TABOR, K.; Steininger, M. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro**. Conservation International do Brasil, Brasília. 2004.

MEDEIROS, J.D. **Guia de campo: vegetação do Cerrado 500 espécies**. Brasília: MMA/SBF, 2011. 532 p.

RATTER, J.A.; BRIDGEWATER, S. & RIBEIRO, J.F. Analysis of the floristic composition of the brazilian cerrado vegetation III: Comparison of the woody vegetation of 376 areas. **Edinburgh Journal of Botany**. v.60, n.1, p. 57-109, mar. 2003.

RIBEIRO, J.F.; WALTER, B.M.T. As principais Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In. SANO, S.M.; ALMEIDA, S.P.; RIBEIRO, J. F. **Cerrado: ecologia e flora**. Brasília: Embrapa Cerrados, v. 1, n,1, p.153-188, 2008.

VELOSO, H.P.; RANGEL-FILHO, A.L.R.; LIMA, J.C.A. **Classificação da vegetação brasileira adaptada a um sistema universal**. Rio de Janeiro: IBGE. 1991. 124p.